

A VOZ NO FEMININO: UMA ANÁLISE DISCURSIVA DE ELEMENTOS PROSÓDICOS NUM PRONUNCIAMENTO ELEITORAL DE DILMA ROUSSEFF

Carlos Piovezani (UFSCar)¹

Resumo: Fundamentados na Análise de Discurso, derivada de Michel Pêcheux e seu Grupo, pretendemos descrever e interpretar certos elementos prosódicos que incidem na constituição dos sentidos no discurso político brasileiro. Mais especificamente, analisaremos sequências discursivas extraídas do Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral, das eleições presidenciais de 2010, focalizando, sobretudo, certas características e modulações vocais num pronunciamento da então candidata Dilma Rousseff. Além de participar da construção de efeitos de espontaneidade e de autenticidade de seu dizer, a voz de Dilma contribui decisivamente para a produção de uma sua condição feminina e de seus corolários, refutando enunciados de uma formação discursiva adversária e afirmando sua qualidade de mulher, esposa e mãe.

Palavras-chave: discurso político; voz; efeitos de sentido.

Introdução

Companheira inseparável, onipresente e constitutiva dos momentos essenciais, a voz está no primeiro grito de vida dos recém-nascidos, passando pelos sussurros dos apaixonados e pelos gemidos dos sofredores, até o suspiro de morte dos moribundos. Se ela está presente em ocasiões decisivas, nem por isso se ausenta das circunstâncias mais cotidianas: em seus segmentos, suprassegmentos e elementos prosódicos, a voz humana sempre nos sugere imagens que produzimos em nossos espíritos, quando usamos a língua na história. Trata-se de um elemento invisível que tanto nos dá a ver, uma vez que é, ao mesmo tempo, espelho e avesso de nossas identidades. A voz se dá no instante, mas repercute o que fomos, o que somos e o que queremos ser. Por essas razões, a voz é signo da exterioridade e da interioridade do sujeito, pois indica feições do corpo e estados da alma implicados necessariamente na constituição, na formulação e na circulação dos sentidos na sociedade.

Quanto às funções desempenhadas particularmente pelos elementos prosódicos, sabemos que eles concorrem de distintos modos para a produção dos sentidos no discurso. Mediante a entoação, articulam-se à língua as dimensões ilocucionária e perlocucionária, marca-se o foco do enunciado e estruturam-se pressupostos argumentativos do dizer; já a tessitura

¹ Professor do Departamento de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFSCar e Coordenador, em conjunto com Vanice Sargentini, do Grupo de Pesquisa *Laboratório de Estudos do Discurso* (LABOR/UFSCar). E-mail: cpiovezani@uol.com.br

frequentemente indica em níveis baixos “razão” e “autoridade” e em níveis agudos, “contestação” e “excitação”; por seu turno, o uso das pausas e do tempo de fala pode representar uma tentativa de restrição interpretativa e/ou uma atitude de reforço da autoridade e do que é dito pelo falante; as variações do volume, enfim, são empregadas no intuito de ajustar a fala ao ambiente físico, às condições culturais e ao contexto histórico em que ela se desenvolve (CAGLIARI, 1992). Ora, na esteira de Souza (2000), cremos que a perspectiva discursiva pode congregar esses e outros aportes das ciências da linguagem, no intuito de pensar discursivamente as relações entre os sons e os sentidos. Proposta análoga, mas não idêntica, também se encontra em Albano (1988) e Madureira (1996). Assim, os elementos vocais podem agregar-se às paráfrases, ou seja, aos “efeitos metafóricos” concebidos por Pêcheux (1990, p. 96), que, constituídos no interior de uma formação discursiva, produzem os efeitos de sentido do discurso. A variação linguística, por exemplo, cria ou corrobora uma identidade social do falante, mas também pode incidir sobre a produção de efeitos de verdade de um conjunto de enunciados, na medida em que estabelece imagens do enunciador e o inscreve em determinada posição num campo institucional.

Considerando esses princípios a partir da Análise de Discurso de linha francesa, derivada dos trabalhos de Michel Pêcheux e seu Grupo, pretendemos descrever e interpretar certos elementos prosódicos que incidem na constituição dos sentidos no discurso político brasileiro. Mais especificamente, analisaremos sequências discursivas extraídas do Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral, das eleições presidenciais de 2010, focalizando, sobretudo, certas marcas e inflexões vocais num pronunciamento da então candidata Dilma Rousseff. Além de participar da construção de efeitos de espontaneidade e de autenticidade de seu dizer, a voz de Dilma contribui decisivamente no excerto analisado para a produção de uma sua condição feminina, refutando enunciados de uma formação discursiva adversária e afirmando sua qualidade de mulher, esposa e mãe. Uma vez que em seus pronunciamentos em propaganda eleitoral na tevê o locutor político frequentemente é perseguido por vários estigmas em suas intervenções, entre os quais se destaca o de mentiroso, cabe-lhe empregar recursos verbais, gestuais e vocais para produzir distintos efeitos de verdade. Eis aí o que pretendemos demonstrar, após empreendermos uma breve reflexão sobre alguns aspectos do papel desempenhado pela voz na produção da verdade do discurso político.

Voz e verdade no discurso político

Desde a Antiguidade, vários textos formadores do pensamento ocidental refletiram sobre a voz: enquanto no livro do **Gênesis**, a sedução da

voz sobrepõe-se à virtude, na **Odisseia**, a razão, via voz de Ulisses, sobrepuja a tentação melódica das sereias. Assim, a voz congrega no homem duas facetas de sua humanidade: a beleza que o seduz e a razão que o esclarece. Dada sua importância, a relação entre a voz e o espírito humano também foi tematizada na tragédia grega. Em **Hipólito**, de Eurípides, observamos a seguinte passagem:

[...] Ah! Como seria necessário que existisse em nossas emoções terrenas um índice seguro para discernir os corações, para distinguir a verdadeira ternura daquela que nos é falsa. Seria preciso que todo homem possuísse dois tímbrés de voz: um para a verdade e outro para todos os outros usos. Assim, a entonação sincera desmascararia as mentiras do coração culpado, e nós não seríamos mais enganados! (versos 920-927).

Face à suposta dissimulação de Hipólito, que fingiria não ter tentado seduzir Fedra, Teseu manifesta nesse excerto um desejo que o precedia e que o sucederá, estendendo-se até a contemporaneidade: o de conhecer as inclinações invisíveis da alma, a partir da decifração de marcas presentes e visíveis no corpo. Em tempos diversos, de distintos modos, uma antiga e constante vontade antropológica impele-nos a tentar identificar a bondade e a maldade, a verdade e a mentira em traços inscritos no verbo, no corpo e na voz.

O mecanismo, presente em práticas cotidianas, parece intensificar-se à medida que nos aproximamos de determinados campos sobre os quais recaem não poucas suspeitas. Não raras vezes estigmatizado por sua configuração formal e censurado por seu pretenso conteúdo ludibriador, o discurso político não desfruta de boa reputação. Um dos traços que o atestam é a busca incessante desse discurso pela credibilidade e pela legitimidade. Essa busca deriva da própria condição do poder na esfera política, visto que se trata de um tipo de “crédito firmado na crença e no reconhecimento” (BOURDIEU, 2001, p. 187-188), ou seja, na relação de confiança e na atribuição ternária mediante as quais os sujeitos sociais conferem a um seu representante os poderes, dos quais ele já se encontra parcialmente investido e cujo complemento definitivo é efetuado por aqueles que, ao mesmo tempo, concedem esses poderes e abdicam deles mais ou menos à sua revelia.

O fato de esse crédito estar baseado na confiança legítima, mas, concomitantemente, enfraquece a política e o discurso político, tornando-os relativamente vulneráveis e suscetíveis às suspeitas, às denúncias, às acusações e aos escândalos. A origem da potência do discurso político é também o princípio de sua debilidade, uma vez que sua *fides* e *uctoritas* emergem justamente onde pululam dúvidas e dívidas, isto é, sua força e fraqueza derivam do crédito depositado por aqueles que estão sujeitos ao poder político, mas que, paradoxalmente, o legitimam naqueles que o exercem. No discurso

político, portanto, a confiança relativa nele depositada habita a mesma morada em que residem a enorme descrença que o frequenta e a pecha de mentiroso que o persegue. A despeito de se tratar ou não de uma sua propriedade constitutiva, a desconfiança que convive com o discurso político recebe novos contornos da “espetacularização” da política, isto é, quando sua constituição e formulação são produzidas por agências de marketing e quando sua transmissão hegemonicamente é feita pelos meios contemporâneos de comunicação.

Com efeito, a antiga desconfiança², derivada dos alegados desencontros entre fala, pensamento e ação nesse campo, que incide sobre o dizer político e nele promove uma constante busca pela produção de efeitos de verdade, investe-se de novas nuances em nossos tempos, quando se o concebe como propaganda televisiva e não como compromisso ideológico efetivo. Desde a Modernidade, a consonância entre a paulatina consolidação de valores igualitários, o recrudescimento do individualismo, a constituição das sociedades de massa e o desenvolvimento de tecnologias de som e imagem produziu significativas metamorfoses nos pronunciamentos políticos transmitidos pela televisão, de modo a fazer com que eles se assemelhem cada vez mais a conversas privadas, em que pese sua condição de fala pública. A esses fatores somam-se os usos públicos e privados de nossa língua amiúde avessos ao ritual e à cerimônia e frequentemente afeitos às abordagens sem rodeios e ao tratamento íntimo, mesmo quando se trata de política partidária, em contexto nacional³.

Ao adotar um estilo que simula uma conversa em sua interlocução televisiva, em detrimento de um típico pronunciamento eleitoral em alto volume e com tom peremptório, o enunciador do discurso político-eleitoral mobiliza verbo, corpo e voz para produzir efeitos de verdade em seus enunciados e de autenticidade em sua enunciação, conforme o postulou Piovezani (2009). O processo, reiterado ao longo de boa parte dos programas do Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral (HGPE) do pleito que conduziu Dilma Rousseff à condição de presidente da República, pode ser observado em passagens, abaixo reproduzidas, de pronunciamentos da então candidata. Trata-se de intervenções cuja melodia e dinâmica da fala indicam a franqueza e a experiência pessoal do enunciador, praticamente elidindo em determinados excertos sua condição de porta-voz ideológico-partidário. As modulações da substância fônica da expressão coadunam-se perfeitamente, aliás, com a própria temática de cunho particular presente na fala de Dilma. Diferentemente dos tumultos das massas mobilizadas, em espaço público,

² Cf. Levy (2003).

³ “A manifestação normal de respeito em outros povos tem aqui sua réplica, em regra geral, no desejo de estabelecer intimidade. E isso é tanto mais específico, quanto se sabe do apego freqüente dos portugueses, tão próximos de nós em tantos aspectos, aos títulos e sinais de reverência” (HOLANDA, 1995, p. 138).

diante de um palanque, por ideais e ideologias, a imensa multidão telespectadora é composta por indivíduos que veem e ouvem o candidato no conforto e no isolamento de suas salas, amiúde sem o engajamento ideológico de outrora. O estilo da fala parece, portanto, adequar-se bastante bem ao ambiente doméstico em que ela é recebida, visto que os pronunciamentos assemelham-se a conversas cordiais e, às vezes, até íntimas.

Usos da voz no primeiro programa eleitoral de Dilma Rousseff

Falar francamente e revelar a verdade são ações que se encontram conjugadas nos pronunciamentos de Dilma, exibidos no primeiro programa do HGPE, da tarde do dia 17 de agosto de 2010. Depois da abertura do programa, realizada por meio do surgimento na tela da inscrição “Dilma, 13 – Presidente”, acompanhada abaixo do slogan “Para o Brasil seguir mudando” e da seguinte intervenção do locutor da campanha “Começa agora o programa Dilma Presidente”, tem-se o início da primeira manifestação da voz da então candidata Dilma Rousseff, cujo início não é acompanhado pela aparição da imagem de seu próprio corpo, mas pela imagem do deslocamento por uma rodovia pavimentada: “Ninguém faz as coisas, quando ela não tem paixão, nem crença. Tem de ter paixão pra fazer. O que te permite realizar é sua capacidade técnica, é verdade. Mas o que te mobiliza e te faz não esmorecer são seus compromissos”. A entoação contínua, as pausas ora mal colocadas entre o verbo e seu objeto na primeira e na terceira orações, ora bem colocadas como entre “te faz” e “não esmorecer”, as leves oscilações de volume entre a ênfase das sílabas tônicas em “**não esmorecer**” e a atenuação a partir do verbo de ligação no último período e o tempo cadenciado constroem uma fala um pouco hesitante, mas também tranquila e amena. Contrastam com essa fala dois fragmentos de pronunciamentos, de Lula e de Dilma, feitos originalmente na tribuna da convenção do PT, realizada no dia 13 de junho de 2010, durante a qual o nome de Dilma foi aclamado oficialmente como candidata do partido, e reproduzidos nesse primeiro programa do HGPE. Tal contraste deve-se essencialmente ao tom suave da primeira intervenção de Dilma em seu programa, que se opõe de modo explícito à altura e à energia das duas proferições que a sucedem.

A reprodução de um breve fragmento da intervenção enfática de Lula manifesta um uso bastante preciso da voz: “Eu **realmente**/ fico muito **feliz** /de **saber** que eu **posso entregar** a **faixa presidencial** pra uma **companheira** do meu **partido** e uma **companheira** **mulher** é uma **coisa** **gra:ti:fi:can:te**.” Além do alto volume, as pausas e as distribuições das sílabas tônicas salientes intensificam os supostos estados anímicos do sujeito, a referência à candidata então aclamada e os atributos que lhe são próprios. Ademais, o efeito de entusiasmada euforia de Lula é particularmente marcante na silabação espaçada

do adjetivo com o qual ele encerra seu enunciado. Entre essa fala de Lula e a de Dilma, como dissemos, também pronunciada na convenção do PT, há uma intervenção da branda voz do locutor da campanha: “Seguir mudando o país, esse é o compromisso de Dilma com o povo brasileiro”. Seu tempo é relativamente lento, seu volume, baixo, e sua melodia, harmoniosa e suave. Parece que estamos, enfim, diante de um significativo contraste entre a ênfase e a atenuação: fala suave de Dilma / fala enfática de Lula / fala suave do locutor da campanha / fala enfática de Dilma. Nesta última, a recém-aclamada candidata do PT à presidência da República diz o seguinte: “É em nome de todas as mulheres do Brasil, em especial em nome da minha mãe e da minha filha, que recebo essa homenagem e essa indicação para concorrer à presidência da República”. Em meio ao alto volume vocal que atravessa quase toda a elocução da enunciadora, introduz-se uma tessitura baixa num tempo cadenciado para aduzir e destacar um elemento pessoal, qual seja a referência à sua mãe e à sua filha. A consonância entre essa tessitura vocal e a menção ao foro íntimo da candidata dão ensejo à sequência do programa, que basicamente é uma biografia da candidata, que mescla alusões às instâncias pública e privada de sua vida.

Fatos e passagens da história da candidata são apresentados por várias vozes: pela do locutor da campanha, pela própria voz de Dilma ou pelas vozes de duas amigas e de seu ex-marido. Temos então um coro de vozes, no qual se destacam tanto a singularidade de cada timbre quanto o uníssono que realça as virtudes públicas e privadas da candidata. No que diz respeito às primeiras, sublinha-se nesse programa sua oposição à Ditadura Militar. Essa oposição, aliás, é construída de um modo bastante interessante: ante o passado de violenta repressão da Ditadura, da qual Dilma foi vítima, uma vez que foi presa e torturada, o rancor que poderia estar contido nas réplicas do presente é substituído pela brandura nas escolhas linguísticas, na postura do corpo e nas modulações da voz. Pela língua, pelo corpo e pela voz, os enunciadores da campanha da coligação liderada pelo PT parecem retomar e refutar um enunciado bastante caro à formação discursiva adversária: “Dilma foi/é uma militante da esquerda radical/uma militante radical da esquerda”.

Além do estigma do radicalismo de esquerda, chamado também de terrorismo pelos adversários políticos e seus partidários, Dilma ainda é impelida a afastar a pecha da frieza tecnocrática com a qual pretendemente conceberia a vida pública, tão ao avesso da sensibilidade feminina que se angustia em face do sofrimento alheio. Entram então em cena suas virtudes pessoais. A alusão à instância privada, na qual se destaca sua condição de mulher, esposa e mãe, é feita pela voz amena do locutor da campanha, após a referência ao período em que a candidata esteve presa: “Dilma reencontra a liberdade três anos depois e reconstrói sua vida em Porto Alegre, onde se casa e se torna mãe”. Na sequência, o ex-marido de Dilma, Carlos Araújo, oscila

entre o tom leve e o emotivo, ao afirmar que teve o privilégio de ter convivido e concebido uma filha com Dilma. Trata-se aparentemente de uma ocasião mais do que oportuna para o início de uma nova intervenção de Dilma:

A Paula é a minha filha única, né? Criada com toda a... maluquice de uma mãe, quando acha que o seu bebê:, né, se tiver dormindo: 'Tá dormindo demais essa menina', se tiver acordada: 'Essa menina não tá dormindo'... Acho que a gente, quando nasce o filho, sabe qual é a sensação? Que você é uma pessoa privilegiada. Essa doação: sem pedir nada em troca::: é única::: é única na vida.

A temática maternal, o registro linguístico informal (presente nas formas linguísticas “né”, “tiver”, “tá”, “a gente”), a justaposição desarticulada de orações (“Acho que a gente, quando nasce o filho, sabe qual é a sensação”), em tese, típica da modalidade oral, e as modulações da voz produzem efeitos de afetividade, de espontaneidade e de autenticidade no pronunciamento de Dilma. Em conjunto com as escolhas lexicais, a distribuição das sílabas tônicas é precisa e cumpre ainda a função de sublinhar os referentes, suas ações e seus atributos, destacando, portanto, o tema da maternidade, com suas angústias e sua satisfação. Na dinâmica da fala, o tempo compassado e as pausas bem colocadas dão relevo ao tom emocionado, por meio do qual a intervenção se processa. A pausa relativamente longa entre os segmentos “Criada com toda a” e “maluquice de uma mãe [...]” é acompanhada pela imagem da candidata, que, ao movimentar de modo peculiar e significativo as mãos e a cabeça, parece antecipar a alusão à condição “patológica” pela qual passa toda mulher ao tornar-se mãe. A condição singular da maternidade é reforçada ainda pela reiteração da locução adjetiva “é única”, separada e realçada também por uma pausa relativamente longa. Além desses usos da voz, destacamos, por fim, mais uma função da modulação vocal nesse fragmento, a saber, a produção de uma tessitura baixa por meio da qual se cria o discurso direto que projeta uma típica fala de toda mãe, que, em princípio, por definição, é excessivamente preocupada, em que pese seu imenso contentamento: “Tá dormindo demais essa menina” / “Essa menina não tá dormindo”. A seu modo, repete-se aqui o já dito, sob a forma de clichê: “Ser mãe é padecer no paraíso”. A conjunção desses elementos linguísticos e vocais constrói de certo modo, no interior da formação discursiva da coligação em torno do PT, o seguinte enunciado: “Dilma **não** é uma militante radical de esquerda/**não** é uma tecnocrata fria, mas, sim, uma mulher sensível e uma mãe amorosa e devotada”. Esse enunciado retoma e recusa ditos da formação discursiva adversária e permite inferir alguns outros oriundos da FD petista: “Dilma será mulher, esposa e mãe de e para todos os brasileiros...”.

Considerações finais

O discurso político eleitoral transmitido pela televisão é verbal, imagético e vocal e incide sobre a escuta e sobre o olhar do telespectador; esse discurso apresenta-se cada vez mais sob novas formas semiológicas, formula-se em uma ampla gama de gêneros discursivos e explora as possibilidades abertas por sua circulação em um *medium* audiovisual. Diante dessa sua configuração, cremos que uma abordagem discursiva que se detenha estritamente na linguagem verbal não seja suficiente para interpretar seu caráter compósito.

No HGPE, em conjunção com as formas linguísticas, o corpo e a voz produzem efeitos de verdade por meio do olhar em *close*, dos gestos e, *last but not least*, das marcas e modulações da voz. A despeito da produção desses efeitos no que se diz, dada sua má fama de mentiroso, o discurso político precisa ainda e, talvez, sobretudo construir e manifestar a autenticidade de seu próprio dizer. Considerando seu alcance heurístico, a abordagem dessa construção e manifestação, a partir da dimensão sonora da fala pública política e eleitoral, se nos apresenta possível e pertinente.

A voz do político profissional é o elemento sonoro de uma subjetividade e o coro institucional de vozes que o sustenta. É o que observamos na voz de Dilma. Os ditos e os dizeres de seus partidários e, principalmente, as marcas e inflexões de sua própria voz participam de modo decisivo da produção desses efeitos de verdade e de sua condição de mulher, de esposa e de mãe, de modo a confrontar os ataques, as injúrias e os insultos de adversários. Diferentemente de outrora, quando o feminino parecia ser forçosamente visto na esfera política como um signo de fragilidade, em nossos tempos a voz mais ou menos desprovida de testosterona pode soar como uma força redentora do feminino. Isto posto, não desconsideramos que na voz de Dilma residem ecos do poder masculino. Por essas razões, uma vez mais, a voz se nos apresenta como uma metáfora ou ao menos como um índice privilegiado para melhor compreendermos o que se passa nos corações e mentes dos homens e mulheres de nossa sociedade.

REFERÊNCIAS

- ALBANO, Eleonora. Fazendo sentido do som. In: **Ilha do destrero**, 18: 11-26, 1988.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26. ed. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

- GAGLIARI, Luiz Carlos. Prosódia: algumas funções dos supra-segmentos. In: **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, 23: 137-151, 1992.
- EURÍPIDES. Hippolyte. In: **Les tragiques grecs**: Eschyle, Sophocle, Euripide (Théâtre complet). Paris, Éditions de Fallois: 897-950, 1999.
- FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** Lisboa: Vega, 1992.
- LEVY, Carlos. Le 'lieu commun' de la décadence de l'éloquence romaine chez Sénèque le Père et Tacite. In: BONNAFOUS, Simone *et al.* (org.). **Argumentation et discours politique**: Antiquité grecque et latine, Révolution française, Monde contemporain. Rennes: PUR: 237-248, 2003.
- MADUREIRA, Sandra. 1996. **A matéria fônica, os efeitos de sentido e os papéis do falante**. Delta, 12: 87-93.
- PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (org.) **Por uma análise automática do discurso**. Uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Editora da Unicamp: 61-161, 1990.
- PIOVEZANI, Carlos. **Verbo, corpo e voz**: dispositivos de fala pública e produção da verdade no discurso político. São Paulo: Editora UNESP, 2009.
- SOUZA, Pedro de. Os suprasegmentos como índices da subjetivação na enunciação oral. In: **Revista da ANPOLL**, n. 9. São Paulo, Humanitas, p. 155-185, 2000.